

João Carlos Gomes

 **Temática**
Editora & Cursos

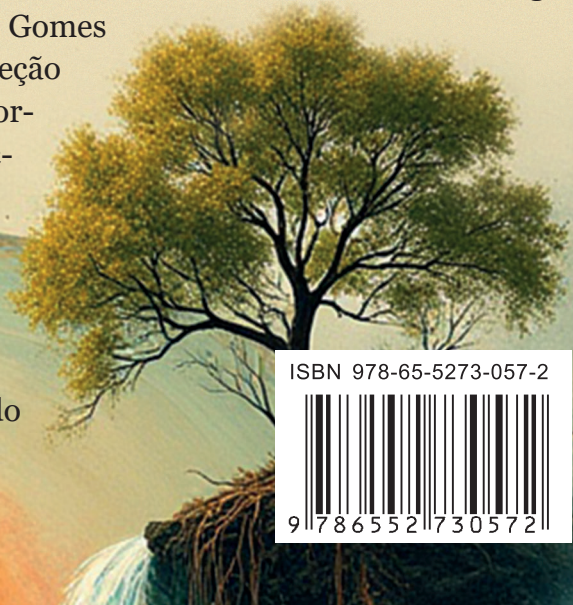


Aprendizados das paixões ecológicas



Antologia  **Poética**
Vol. III

NO TERCEIRO VOLUME da sua aclamada antologia poética, o professor João Carlos Gomes nos transporta por um caminho poético que transcende fronteiras geográficas e emocionais. Baiano de coração e habitante da Amazônia por escolha, Gomes mergulha fundo na essência da vida e da arte, revelando um universo onde cada verso é uma semente de poesia que floresce na mente e no coração do leitor. Neste livro, a surrealidade se entrelaça com a realidade de maneira ainda mais profunda e intrigante. Os poemas são como rios que correm por paisagens oníricas, onde a paixão, o amor e a melancolia se entrelaçam em uma dança etérea. Gomes não apenas narra, mas escava as camadas mais profundas da experiência humana, transformando-as em imagens e metáforas que ecoam como melodias antigas. A escrita de João Carlos Gomes é uma celebração da diversidade cultural e natural do Brasil, onde as cores da Bahia se misturam com os verdes intensos da Amazônia. Cada página deste livro é um convite para explorar os mistérios da vida e as emoções que nos conectam como seres humanos. É um testemunho da capacidade da poesia de transcender o tempo e o espaço, iluminando os cantos mais sombrios da alma com a luz da compreensão e da beleza. O terceiro volume da antologia poética de João Carlos Gomes é não apenas uma coleção de poemas, mas uma jornada espiritual e intelectual que nos convida a refletir sobre a nossa própria existência e a encontrar significado na simplicidade e na complexidade do mundo ao nosso redor.



ISBN 978-65-5273-057-2



9 786552 730572

João Carlos Gomes

APRENDIZADO DAS PAIXÕES ECOLÓGICAS

Temática Editora e Cursos
Porto Velho – Rondônia, 2025

Chefe editorial

Eva da Silva Alves – Doutora em Educação – TEC – RO/Norte

Preparação de originais e revisão

Abel Sidney | Renato Fernandes Caetano

Preparação de textos

Wesllen da Silva Xavier

Design editorial e criação de capa

Rogério Mota

Conselho editorial

Renato Fernandes Caetano – Presidente – Doutor em Antropologia Social – TEC – RO/Norte

José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – URCA – CE/Nordeste

Raimundo Nonato Pereira da Silva – Doutor em Ciência Política – UFAM – AM/Norte

João Paulo Silva Martins – Mestre em Filosofia – UFAC – AC/Norte

Valéria Silva Ferreira – Doutora em Educação – UNIVALI – SC/Sul

Ivenise Teresinha G. Santinon – Doutora em Ciências da Religião – PUC Campinas – SP/Sudeste

Juliano Xavier da Silva Costa – Doutor em Educação – La Salle – MT/Centro-Oeste

Aila Luzia Pinheiro de Andrade – Doutora em Teologia – UNICAP – PE/Nordeste

Juan Carlos Crespo Avaroma – Doutor Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – Universidad Autónoma Del Beni – Bolívia

Maria Del Pilar Gamarra Téllez – Doutora Honoris Causa em História da Amazônia – Universidad Mayor de San Andres – Bolívia

Conselho científico de área: Linguística e Literatura

José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – URCA – CE/Nordeste

Auxiliadora dos Santos Pinto – Doutora em Letras – UNIR – RO/Norte

Roziane da Silva Jordão – Doutora em Antropologia – IFRO – RO/Norte

Miguel Nenevé – Doutor em inglês: Estudos Linguísticos e Literários – UNIR – RO/Norte

Rogério Mota – Mestre em Estudos Literários – TEC – RJ/Sudeste

José Maiko Farias Amim – Mestre em Estudos Literários – RO/Norte

Márcia Dias dos Santos – Doutora em Estudos Literários – UNIR – RO/Norte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G633a	Gomes, João Carlos
	Aprendizados das paixões ecológicas [recurso eletrônico] / João Carlos Gomes. – Porto Velho, RO : Temática Editora e Cursos, 2025.
	74 p.; PDF; 4 MB.
	ISBN (digital): 978-65-5273-057-2 (Ebook)
	1. Ecologia. 2. Aprendizado. 3. Filosofia. 4. Paixão. I. Título.
2025-1615	CDD 577 CDU 574

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Ecologia 577

2. Ecologia 574



SUMÁRIO

a estética.....	6
fogo.....	7
ecofonia.....	8
minha.....	10
menina.....	12
estudar.....	14
plenitude.....	15
coração guató.....	16
o beijo.....	17
perfil.....	18
paixão.....	19
teias.....	20
inútil.....	21
o pano de fundo.....	22
o tempo de deus é profético.....	33
palavras.....	34
antropofágica.....	35
madura.....	36
danos.....	37
caminhos.....	38
fases.....	41
vozes.....	42
casulos.....	44
lagartas.....	46
educadora.....	48

molhado.....	51
vazio.....	52
folhas.....	54
revolução.....	56
acalentado.....	60
partida	62
ilusões.....	65
apocalipse	66
arco-íris de penas.....	68
digital.....	70
velho.....	72
amazônica.....	73

a estética

meu olho não é torto
primeiro vejo as flores
só depois que vejo a árvore

podemos olhar a vida por ângulos diferentes
é isso que nos faz descobrir
a estética das coisas simples

quem olha para fora sonha
quem olha para dentro acorda

o conhecimento não é resultado da explicação
mas acontece quando despertamos o olhar

dois seres olharam para um pé de ipê
um viu a beleza estética das flores
o outro viu apenas uma árvore vegetando

a tolerância é resultado da transcendência do olhar

meu olho não é torto
não busco a certeza de nada
quero apenas revelar
a beleza estética de um pé de ipê

fogo

marabaixo é o som do mar
que balança os navios e os corpos
que leva e traz as memórias e os sonhos
que canta e chora as dores e as alegrias

marabaixo é o fogo da fé
que aquece os corações e as almas
que ilumina e purifica as mentes e os espíritos
que arde e consome as culpas e os pecados

marabaixo é a dança da vida
que movimenta os pés e as mãos
que expressa e comunica as emoções e os sentimentos
que liberta e transforma as pessoas e o mundo

marabaixo é o mistério da arte
que transcende os limites e as formas
que cria e recria as imagens e os sons
que surpreende e encanta os olhos e os ouvidos

ecofonia

no seio do pantanal
onde a terra se confunde com o céu
onde as águas dançam ao som dos sussurros dos pássaros
ecofonia é o murmúrio das paixões entrelaçadas com a ecologia
um canto selvagem que ressoa nas trilhas de poesia verde

nesse vasto horizonte de águas e matas
o sol brinca de esconder-se atrás das nuvens
enquanto as estrelas tecem poemas luminosos no firmamento
e os jacarés repousam à sombra dos buritis

na linguagem do pantanal
cada planta
cada bicho
são um verso vivo
pulsante
na poesia da natureza
onde as lições ecológicas se entrelaçam com as paixões
em um balé eterno de harmonia e equilíbrio

sigo pelas trilhas de poesia verde
guiado pelo canto dos pássaros e o sussurro do vento
aprendendo com cada flor
com cada raiz
a importância de cuidar
de preservar
de amar

ecofonia é o diálogo entre o homem e a natureza
um eco de respeito de gratidão de reverência
que ecoa através dos tempos como um hino de esperança
por um mundo onde as paixões ecológicas floresçam em cada
coração

que nossos passos pelas trilhas de poesia verde
sejam sempre guiados pela sabedoria do pantanal
onde cada aprendizado é um poema
cada experiência é uma lição
e cada paixão pela ecologia é uma promessa de amor à vida

nas águas tranquilas do pantanal
onde a terra e o céu se abraçam
ecofonia é o canto que ecoa
nas trilhas de poesia verde

entre os buritis e os ipês floridos
o sol dança entre nuvens
aprendizados brotam a cada passo
nesse santuário de paixões ecológicas

no coração do pantanal a esperança se renova
cada verso é um chamado à preservação
ecofonia ressoa lições poéticas da ecologia
guiando-nos pela trilha da harmonia e gratidão

minha

tenho paixão pelas flores
elas não me causam inspiração
com elas tenho excitação pela palavra
me deixam em estado de metamorfose

as flores me engravidam de amor
deixam as minhas entranhas sensíveis
levam-me a fecundar de paixão
tiram-me do estado vegetativo

o desabrochar desta flor
levou tempo
você planejou me mostrar
veio num arrebento do sol
mas eu estava distante
muito distante

você sempre cuidou
como se fosse minha
mas a flor do rebento
foi sua

você cuidou
regou
adubou
cultivou
provou que quem ama cuida

o problema é que nesta relação
sempre vegetei
silencioso
estático
preso num vaso de terra preta

juro que cansei
deste estado vegetativo de planta
quero despertar
não aguento mais viver o silêncio
quero colocar para fora
a fotossíntese acumulada nesse tempo

o despertar da flor
deixou-me em estado de ânimo
não tenho métodos
mas tenho medos

agora quero mergulhar
no brilho deste negro olhar
que me toca por dentro

quero ser a árvore seca
que te fascina mesmo sem folhas
quero ser o pôr do sol
que te faz parar no meio do caminho

mas não quero mais o estado vegetativo
a flor se abriu
é momento de acabarmos
com a inocência dos ramos

a vida é assim
às vezes levamos tempo demais
para nos tornar quem queremos ser
o tempo é curto
para compreendermos
as travessias da vida
por que perdemos tempo

menina

ana gosta de inventar palavras
e de brincar com as coisas sem nome
para ela as palavras são como borboletas
voam livres pelo ar e pousam nas flores

bella gosta de desenhar no chão
e de fazer castelos de areia e lama
para ela o chão é como um papel
que guarda as histórias inventadas

minha doce bella
gosta de conversar com os bichos
e de ouvir os sons da natureza
os bichinhos de chão são como amigos
que ensinam o que ela ainda não sabe
um caracol gosmento é um cavalinho
as manhãs ela abre com um sorriso no rosto
no pôr sol ela forma sua trilha para ir dormir
a noite é feita de escuro
mas não de medo

ah ana bela
menina poeta
que faz do mundo o seu brinquedo
e poetiza as brincadeiras
alegrando o coração pai

ana bella é uma menina encantada
que inventa palavras e brinca sem parar
para ela as coisas têm alma
e o mundo é um grande jardim a explorar

ela desenha no chão
faz castelos de lama
transformando a terra em sua tela
ouve os sons da natureza
conversa com os bichinhos da favela

um caracol gosmento é um cavalinho
as pedrinhas do chão são tesouros escondidos
para ana bela tudo é poesia
e a vida é um sonho sempre florido

com um sorriso no rosto ela começa o dia
e no pôr do sol segue sua trilha
a noite escura não é medo
mas convite para uma nova aventilha

ana bela menina poeta
faz do mundo um brinquedo sem igual
com suas brincadeiras e versos
espalha alegria que encanta o coração paterno maternal

estudar

estudar é um jeito de desinventar o mundo
de desaprender as coisas que não prestam
de desembrutecer o olhar e o ouvido
de desentortar a língua e o pensamento

estudar é um jeito de reinventar o mundo
de reaprender as coisas que nos encantam
de reenobrecer o olhar e o ouvido
de recriar a língua e o pensamento

estudar é um jeito de inventariar o mundo
de guardar na memória as coisas que nos importam
de valorizar o olhar e o ouvido
de poetizar a língua e o pensamento

estudar é um jeito de amar o mundo

plenitude

em silêncio espero sua atitude
você age como se fosse criança
o nosso amor está perdendo a plenitude

só existem dois motivos para me preocupar com você
ou me ama muito
ou tenho algo que te interessa muito

reconheço que existem poderes
superiores no universo
eles são maiores que nossa existência

coração guató

tenho um coração cheio de amor para dar
um coração idealista
um coração como poucos
um coração à moda antiga
um coração de menino

um coração que foi pouco usado
ainda não foi machucado
vive alimentando sonhos
cultiva muitas paixões

assim é um coração guató
vive navegando
sem medo de ser feliz
como caçador de corações

o beijo

o beijo molhado da chuva
glória de um desejo
em cima do firmamento
sabor suave da chuva

desejo aguçado
sangue fervendo
encheu os pensamentos

beijo ganhado no sonho
meu prêmio meu castigo
não foi real
foi surreal

extrema unção
doce desejo
da carne
inspiração da alma poética

um instante sagrado
depois do trabalho
nas margens do rio

beijo divino
desejo delirante
manifestação de um sonho

perfil

no silêncio da noite
minha alegria é triste

as minhas emoções
são cheias de curiosidades

os desejos brotam rizomáticos

de forma horizontal aprendo
entrego às experiências da alma

não tenho medo das diferenças
entre os rizomas não há prejuízo

aprendo a conhecer-me melhor
nos movimentos da desterritorialização

um rizomático não abandona seu território
para ocupar outro
mas conecta a novos territórios

nas estranhas dos perfumes e formas
construo o meu perfil de amante
da complexidade

paixão

amemos
quero de amor viver
amar sem sofrer

viver uma louca paixão
sem morrer de amor
viver sem medo amar

sonha sem dormir
amamentar de amor
transcender de esperança

quero viver d'esperança
gemer sem sentir dor
nas tuas tranças enrolar

quero sonhar sem dormir
uma louca paixão

teias

manhãs
horas matinais
horas vazias
silenciosas
orvalhadas

uma armação de fios de seda
extremamente finos
criados a partir de glândulas
produtoras de umas fibras

teias sedutoras de estado líquido
solidificam-se em contato com o ar
texturas que te impregnam

armadilha em forma de teias
apanham de surpresa
suas presas para devorar

inútil

quem tem coragem de perguntar
por que hoje é sábado

de que valem as árvores
as casas
a chuva
o silêncio

de que vale o pensamento humano
esforçado e vencido
no tic tac das horas

de que valem as conversas
apenas sussurradas
na ternura dos delicados movimentos da brisa

de que valem as pálpebras
da tímida esperança
orvalhadas nas flores dos canteiros

o sangue e a lágrima
são pequenos cristais sutis
no profundo diagrama do corpo

e o homem
tão inutilmente
pensante e pensado
só tem o silêncio
para distingui-lo

o pano de fundo

primeiro ato

o pantanal é azul

quando as águas se esparramam
curioso é que sem chuva
inda assim mergulha a grama
nas águas que vêm suaves
dos planaltos que as derramam

mesmo na cheia tem sede
do azul do mar abastado
para ficar hidratado
pra ficar mais azulado
é do céu que o pantanal
engole o azul emprestado

e esse mar dos xarayés
índios com jeitos andinos
fica multicolorido
no período matutino
tantas são as flores d'água
sobre o espelho cristalino

são tapetes amarelos
sobre o piso cor de telha
bordados de flutuantes
ramos e folhas vermelhas
são flores brancas lilases
contendo verdes abelhas

grávido dos elementos
que dão sustento à vida
o solo parece o nilo
da lama brota a comida
de peixes de toda cor
de aves multicoloridas

segundo ato

ciclos e tramas

as cores do pantanal
a água desencadeia
se na frança roupa e cor
frio e calor as norteiam
a moda dele é ditada
pelo ciclo seca e cheia

se na cheia ele se veste
de um lençol d'água azulado
na seca lhe deita um morno
manto de campos dourados

névoa no céu é um tecido
pelo sol avermelhado
por volta do mês de agosto
a seca tem tom pastel
o sol é bem mais vermelho
e maior no cinza véu
há quem se aproveite disso
para fazer fogaréu

lá pelo mês de novembro
fins de dezembro talvez
a cheia vem de mansinho
e em abril já se desfez
pra ciranda colorida
recomeçar outra vez

terceiro ato
a primeira pessoa

é nesse vasto cenário
que me encontro embevecido
vim da cidade morena
buscando o desconhecido
um fotógrafo da vida
pela vida convertido

eis-me aqui eu me apresento
sou caçador de miragens
todo dia vejo a luta
da luz com as sombras imagens
tento gravar no papel
as mais bonitas paisagens

recolho conhecimentos
junto uns versos de cordel
num caldeirão para o ensino
queira deus ser menestrel
ao ensinar biologia
eis-me aqui eis meu papel

quarto ato

a segunda pessoa e os diferentes encontros

eis que um bando desprendido
de grandes e azuis araras
faz rasantes sobrevoos
sobre as marrons capivaras
céu e água se confundem
em meio à plumagem rara

e quando tento enquadrar
o bando na objetiva
vejo é uma cortina azul
abrindo uma cena afetiva
emprestando ao quarto ato
verdadeiras cores vivas

vejo uma mulher morena
escalando um manduvi
pra ver filhotes de arara
seus parasitas cricris
eu pergunto ela me conta
as coisas que conto aqui

diz-me que foi por acaso
que começou sua lida
de pesquisar as araras
que eram muito perseguidas
ao proteger as araras
elas mudaram sua vida

é a maior das araras
quase foi à extinção
hoje vive mais tranquila
com a extensiva ocupação
das bordas do pantanal
até o sul do maranhão

o corpo inteiro é azul
feito os campos inundados
o bico é grande bem forte
sobre o olho esbugalhado
há um círculo amarelo
feito o sol eclipsado

há detrás do bico
uma fina meia lua amarelada
quando corta a bocaiuva
coco de polpa dourada
parece que a lua é cheia
e no bico foi travada

gênero anodorynchus
espécie hyacinthinus
da cor azul do jacinto
seria um jeito traquino
de traduzir o seu nome
científico latino

nossos indígenas a chamavam de araraúna
por que vista bem de longe é preta
quando contra o céu se vê
mas quando é vista de perto
cadê o preto cadê

um barulhento animal
visualmente exibido
grita muito no namoro
ou se um risco é pressentido
chama os outros quando encontra
coquinho amadurecido

come muito bacuri
coquinho esverdeado
quando tem é bocaiuva
gosta do cristal salgado
e come o coco que cai
do cocô que cai do gado

gosta de dormir em bando
em local satisfatório
ao cerrar o véu da tarde
é um grande falatório
de duzentos indivíduos
na árvore dormitório

realmente o amor é lindo
o casal é muito terno
e copula ao deus dará
quando chega o fim do inverno
parece final de filme
com juras de amor eterno

no oco do manduvi
sua casa preferida
o casal escava o ninho
na madeira apodrecida
choca
a fêmea pouco sai
o macho lhe traz comida

quando chega a primavera
são postos dois ovos brancos
os ninhegos nascem cegos
frágeis nus parecem mancos
de vez em quando dá berne
na cabeça e até nos flancos

assim moles indefesos
são criados pelos pais
que regurgitam uma papa
que dos coquinhos se extrai
e com os pais saem voando
por um ano e meio ou mais

depois os adolescentes
em outras áreas se instalam
o bando até lembra uma banda
pelo tanto que badalam
só depois dos nove anos
são maduros se acasalam

uma arara azul saudável
vive por quarenta anos
mas fora da natureza
tudo só lhe causa danos
quando é comercializada
por ignóbeis humanos

nesse tempo enfrenta fortes
predadores indomáveis
desde a sua reprodução
trava lutas memoráveis
vence até gambás famintos
mas o homem é implacável

e foi mais ou menos isso
tudo o que ela me contou
findo o nosso bate papo
tal qual fim de grande show
das frondes da bocaiuva
um bando azul transbordou

e eu repasso o que aprendi
êh mania de professor
sabendo que muito existe
pra se descobrir se expor
pois ninguém nasce sabendo
e ninguém morre doutor

doutor não é quem ensina
o que diz saber com apego
mas quem sabe que não sabe
como se fosse um ninhego
o saber está na clara
visão tosca ignara
natural do desapego
reaprendi com as araras
o tal pensamento grego

quinto ato

a lenda

diz uma lenda bem recente
acho que inventada agora
o amarelo sol da arara
azul é a marca da hora
em que a luz tocou sua cara
jacintinho azul tão clara
quando o sol tingiu a aurora
num momento reticente

sexto ato

gênesis dois versículos quatorze

seria deus um pintor
inspirado que primeiro
coloriu o pantanal
para ter um tabuleiro
de cores pra pôr no mundo
ante o momento segundo
seria deus pantaneiro

e será que a araraúna
atendendo ao seu apelo
forneceu o azul do mundo
antes até de o céu sê lo
foi a grande arara azul
sob o cruzeiro do sul
o seu mais lindo modelo

sétimo ato

o fim dos tempos

inspirado desenhista
com a pena da azul arara
riscou uma planície rara
pantanal impressionista
sendo uma cor de encher a vista
soprou plumas no aguaceiro
sobre o solo boiadeiro
viu que era bom animado

fez um planeta azulado
de um pedaço pantaneiro
se um bando de araraúnas
bailam no céu entre gritos
fica o pantanal pintado
de riscos azuis bonitos

e se vê perante a tela
o mais justo gabarito
para pintar um planeta
azul
de céu infinito

o tempo de deus é profético

fé

esperança

e amor

o nosso tempo é limitado

ele passa depressa

quase não percebemos

o tempo que passa dentro de mim é

demorado

alterado

telúrico

hora triste

hora feliz

hora melancólico

onde se diz

eterno tempo

que cura tudo

que tudo lembra

o tempo

que passa

que enlaça

em lembranças

demoradas

o ontem

o hoje

um só momento

como não há certeza no amanhã

quero o viver o hoje

amanhã a deus pertence

palavras

sem você a vida parece
o horizonte além de mim
o tempo não varrerá os raios do sol
o amor faz parte desta brisa
de tudo que nos revelou
as palavras vinda do coração

antropofágica

se o amor começa quando colocamos uma metáfora poética no
rosto da pessoa amada
há imagens que sangram nossos corações na experiência
estética do olhar

a contemplação da beleza não é a revelação da paixão
a leveza do olhar revela que não é a pessoa que é bela
é o olhar de apaixonado que revela alma dos corpos
representados

a paixão não é um ato literário que necessita de explicações
a paixão é uma ficção da daquilo que não existe
mas que é revelado na alma e no corpo daqueles que
participam do ato da representação

na paixão não há razão
é algo que precisa ser desfrutado com desejos antropofágicos
a paixão é alimentada com coisas e palavras que sangram das
mesmas feridas

madura

para a mulher madura
que ainda é jovem de coração
que encanta com seu sorriso e com sua sabedoria
que sabe amar como ninguém
é dona de sua história

seus cabelos prateados refletem a luz da lua
seus olhos são como estrelas que brilham no céu noturno
sua pele é suave como o toque de uma pluma
e sua presença é como um bálsamo para o meu mundo

você é a beleza da maturidade
a elegância da experiência
a força da perseverança
e a doçura da ternura

você é a minha musa
a minha inspiração
a minha companheira
a minha paixão
a minha amada
a minha eterna namorada
a minha alma gêmea
a minha felicidade

que a vida continue a ser gentil com você
que o amor sempre encontre um caminho para crescer
que nossos corações se unam
em perfeita harmonia

danos

o amor exigente
torna-se escravidão
que corrompe

faz exigências soberanas
absolutas
torna-se utilização
dos impulsos

o que era necessidade
torna-se fome de amor
que os afetos não saciam

a satisfação é impossível
onde um ganha
o outro perde

caminhos

designado para ir a itabira como chapa-branca
conheci o museu território dos caminhos drummondianos
uma porta aberta da relação de drummond com itabira

no meio do caminho tinha muitas pedras
muitas pedras tinha no meio do caminho
caminhos de muitas ladeiras
de morros inclinados

entre as minas de ferro e aço
encontrei velhos casarões
com mulheres de panturrilhas grossas
e homens negros que determinam a alma do lugar

havia casas que espiam os homens
que não correm mais atrás de mulheres

a tarde era verde de céu azul
havia desejos de conhecer a alma drummondiana

florentino foi o guia
cheio de conhecimentos históricos
scarpa delirava com as informações
nós contemplávamos a poética do lugar

pelos caminhos drummondianos
mulheres mineiras passam cheias de pernas
pernas brancas pretas amarelas
pernas de panturrilhas grossas

meus olhos
registravam
formas
percepções
de um olhar etnográfico

com o sentimento drummondiano no coração
não vi o maior trem do mundo
que leva a terra do coração de drummond
para a alemanha canadá japonês

mas vi a vale desembestada
levando o tempo infância vida
de um coração itabirano

a câmara municipal
onde se fazem leis
onde se fazem tramas
onde se fazem discursos
onde se fazem leis que cobram impostos
não cobrou nada
daqueles que levaram um coração itabirano

somente agora que compreendi
por que aquele
que viveu em itabira
nasceu em itabira
era triste
tinha um orgulho de ferro
noventa por cento de ferro nas calçadas
oitenta por cento de ferro nas almas

a cidade ficou com sobrados sem linguagem
de pensamentos descarnados
de massa deslizante de alienados
de isentas raízes

passei por itabira
juízo de coração
que nunca me esquecerei
que no meio do caminho
tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

no pico do amor tinha corujas vigilantes
para mostrar 'uai' que alma itabira
vale mais que a vale

fases

tenho fases como a lua
fases de viver sozinho
fases de viver cada momento
fases de ficar sozinho

fases de querer você
só para mim na lua cheia

fases de querer levar você pra cama
numa noite de eclipse lunar
e uiva como lobo feroz

fases de querer fazer amor de onça
numa noite chuvosa no cerrado

fases de querer ser só teu na floresta amazônica
para praticamos xamanismo da queda do céu

tenho fases de ir para rua e noite de lua cheia
e gritar o teu nome em plena floresta amazônica
para praticamos xamanismo da queda do céu

vozes

casa do tempo perdido
coberta de solidão
onde não mora ninguém
cheia de vozes e ruídos

com certeza aí muitos moraram
uns já se foram
outros não vieram

longa tradição de família
sussurro
gorjeio
mas ninguém escuta

no tempo perdido chamo
toc toc toc
o eco devolve o chamado
tornou-se um casarão abandonado

o tempo encontra a casa perdida
vazia
condenada
não há nenhuma existência

a casa está morta
mas ainda com alma
ela escuta mas não responde

há uma cidade dentro dela
um eterno desentendido
de tempo e espaço
são sonhos

ela pode acordar
e descobrir que não está morta
é uma hipótese do meu delírio

essa casa seduz
o olhar
sua fachada mexe com as minhas entranhas
o seu reboco seduz-me

a varanda desperta
as marcas do tempo
pela janela fogem as almas da cumeeira

nossa uma goteira sangrando
ela ainda acredita na vida
as gotas brilham no chão
deixando um ar de firmamento

uma casa é feita assim
vozes antigas
ruídos

prolongamento da vida
que deixa marcas
dores
dos amores perdidos e achados

e revela afetos
das (in)confidências
dos amores e sombras
que ainda não foram partilhados

casulos

revelam os sábios
que amor entre amigos não é uma coisa tão fácil
entre amigos todas as coisas são comuns
na amizade nos tornamos múltiplos
as coisas comunicam naturalmente eu e tu

entre amigos
admiramos as qualidades e os defeitos
as paixões da pessoa amada entram na pessoa amante
o amor de uma é comunicado à outra
os erros e insultos são corrigidos com desejos

entre amigos
amamos sem limites e pretensões
não vemos o que somos
mas reconhecemos a beleza estética
nos desejos visíveis e invisíveis

a amizade entre amigos é carregada de
demonstração de desprendimento
partilha de necessidades
cuidado com os desejos adormecidos
reciprocidade com os desejos acalentados

amizade entre amigos é uma lareira em chamas
que nos aquece quando nos sentimos sozinhos
carentes
frios da falta de afeto
desejo pelas coisas desconhecidas

entre amigos
expressamos pensamentos sem nos magoar
calamos o coração para ouvir o outro
preenchemos os vazios sem medo de afetividade

entre amigos
todos os desejos são possíveis
as esperanças são alimentadas
com atitudes silenciosas de hospitalidade

entre amigos
o silêncio causa sociabilidade
a distância causa saudade

lagartas

entre amigos
temos o prazer de ver o pôr do sol
sem sentir medo da noite escura que vem vindo

entre amigos
contemplamos o orvalho da manhã
pelo simples prazer de presenciar as estéticas das ciências
naturais

entre amigos
há dois corações apaixonados
que se encontram pela manhã com saudade
que celebram o milagre da vida orando um pelo outro

entre amigos há
humildade nas atitudes
generosidade nas virtudes
fraternidade com plenitude
solidariedade com solicitude
unidade entre o amante e a amada

entre amigos
uma coisa é certa
lagartas felizes não fazem casulo
porque não sentem a necessidade de criatividade
e o ato de criatividade
seja na ciência ou na arte
surge sempre de uma grande paixão

entre amigos
não é preciso que seja paixão pelo possível
pode ser pelo impossível também

entre amigos
a paixão aparece como uma sensibilidade
que gera na alma uma coisa gostosa
chamada curiosidade

agora se a nossa amizade é construída
com as partes que não nos pertencem
estamos jogando pérolas às borboletas
lagartas infelizes não produzem borboletas

educadora

mimi sato mimi sato
tu foste a flor do planeta
que encantou e perfumou
a terra de amor e poesia

tu tinhas a alma verde e amarela
que cantava e dançava
ao som da esperança e da aquarela
da estrela vermelha

tu foste a filha do céu de anil
que abraçou e beijou
a pátria mãe gentil

sem jamais perder a esperança
porque você acreditava que
quem experimentou da esperança
jamais esquecerá

você foi uma ponte que teceu saberes
uma chama que acendeu os desejos
uma semente que germinou os sonhos

você foi uma professora que dialogava e sabia escutar
uma mediadora que problematizava a realidade
uma facilitadora que estimulava a criatividade

você foi uma aprendiz que se renova a cada pôr do sol
uma pesquisadora que buscava o conhecimento
revelava saberes ancestrais
uma militante que defendia os rebeldes sem causa
mas vivia todas as causas possíveis
em defesa da educação

menina que gostava de inventar
imagens surrealistas
acreditava que as imagens são como borboletas
que voam e pousam nas flores

gostava de pegar as borboletas com as mãos
e misturar as cores e os sons
criava imagens com palavras como azulim florir soluar
e as usava para escrever poemas de papel

dizia que os poemas são como jardins
onde as borboletas podem brincar e se esconder
gostava de ler os poemas com imagens

ouvia as borboletas cantarem em seu ouvido
dizia que as borboletas são como sonhos
que nascem na cabeça e voam pelo coração

tinha devaneios poéticos permanente
a professora que sonhou com as cores
do arco-íris e da floresta
que ensinou com as mãos e com o coração
a arte de viver e de amar a natureza

a mulher que voou com as asas
da imaginação e da liberdade
que cria com os olhos e com a voz

a beleza de ser e de transformar o mundo
a mãe acadêmica que abraçava as palavras
dá esperança e da solidariedade
que compartilhava com os ouvidos e com o sorriso
a alegria de aprender e de fazer a diferença
com escutas dos nossos silêncios

a bióloga que virou filósofa
a doutora que virou professora
a pesquisadora que virou ativista
a viajante que cruzou o mundo
aprendeu culturas

a educadora que ensinou artes
a fundadora que criou redes
a líder que inspirou movimentos
a guerreira que enfrentou o colapso
viveu os dilemas ambientais
de mundos desumanos
defendendo o tratado de educação ambiental
para sociedades sustentáveis e responsabilidade global
educadora surrealista

molhado

o beijo molhado da chuva
glória de um desejo
em cima do firmamento
sabor suave da chuva

desejo aguçado
sangue fervendo
encheu os pensamentos

beijo ganhado no sonho
meu prêmio
meu castigo
não foi real
foi surreal

extrema unção
doce desejo
da carne
inspiração da alma poética

um instante sagrado
depois do trabalho
nas margens do rio

beijo divino
desejo delirante
manifestação de um sonho

vazio

uma cama
um espelho
um coração

tudo fica vazio no outono da alma

um coração vazio deixa de amar
de idealizar sonhos sonhados
não quer mais ouvir a voz do próprio peito

poemas apaixonados
não se direcionam a nenhum lado
é preciso compreender as diversidades

um coração vazio
solitário
mas forte

tudo depende da alma
das escolhas
dos caminhos percorridos

uma cama
um espelho
um coração

tudo fica vazio no outono
árvores derrubam as folhas secas
o vento leva os restos de antigas primaveras
um coração vazio
vive em intensidade
a beleza da alma destituída de ternura

mesmo vazia
possui a tranquilidade
que só a maturidade permite

folhas

hoje fui levado a meditar
por que as folhas secas caem de uma árvore

compreendi um pouco mais do sentido da vida
descobri que as árvores passam por repousos
condição necessária para o ciclo de viver

algumas árvores transcendem em beleza
outras mergulham nos matizes das cores melancólicas
há aquelas que se desnudam em tristeza

as folhas secas que caem
abrem os braços ao outono
mas sabem esperar pacientemente
o esplendor da primavera
para viver a beleza das flores

assim somos nós
nos perdemos em lágrimas
com a dor de uma saudade
vivemos dias áridos
outros secos
mas há aqueles que provocam frio na alma
quando não há esperança

não vivemos a primavera
ficamos desprotegidos
como as folhas secas caídas de uma árvore
quaisquer ventos nos levam

carregados pelos ventos
de nada serviram as flores
as pétalas desabrocharam no chão
como as folhas de outono caídas

deixo-te a minha saudade
um pedaço de mim
uma outra metade de mim
e a certeza que tudo na vida é vaidade

sempre haverá folhas secas caídas ao chão
mas com o tempo
novas folhas nascerão
e haverá a volta ao começo

árvores não sabem fugir
são obrigadas a enfrentar todos os ventos
enraizadas não afrontam as intempéries
mas sabem se adaptar para não serem destroçadas

nós para sobreviver
temos que ser intensos
desenvolver várias habilidades
viver a docilidade das brisas
saber se inclinar diante da diversidade
viver a sabedoria das árvores

se essas virtudes nos faltarem
o medo invadirá nossos galhos
as vaidades nos derrubarão
como as folhas secas jogadas ao chão

revolução

ir às ruas faz bem à cidadania adormecida
exercita as veias que foram entupidas
quando não tínhamos medo de ser feliz

o povo nas ruas
devolve a esperança
que move os nossos desejos
e sonho acalentado de democracia operária

ir às ruas sem medo de
repressão militar
faz bem à alma
incita à cidadania
nos leva a rever velhos conceitos

ir às ruas nos lembra
que a luta continua companheiro
e rejuvenesce os velhos desejos de mudanças

cartazes faixas e palavras de ordem
fazem sacudir os preconceitos ideológicos
de que o povo brasileiro é acomodado

o povo nas ruas promove
revela uma beleza estética
que rejuvenesce o nosso desejo
adormecido da esperança surreal

o povo nas ruas
mostra que o facebook é apenas um instrumento
de mobilização
se engana quem pensa que é alienação
da cultural digital

o povo nas ruas mostra
o caráter pedagógico dos 20 centavos
que os 20 centavos vão além
da teoria da curvatura da vara

o movimento pedagógico dos 20 centavos
tem uma beleza plástica plural
que mobiliza
e tira as pessoas de dentro de casa
como brava gente brasileira

o movimento pedagógico dos 20 centavos
revela os frêmitos dos corpos e mentes
nos mostra o horizonte de uma sociopoética
de mobilizações singulares e plurais

o movimento pedagógico dos 20 centavos
pode ser compreendido
como a centelha
que faz explodir o paiol da 'pedagogia da indignação'
contra a educação que não forma
e nem qualifica o miserável

a pedagogia da indignação
do movimento pedagógico dos 20 centavos
revela a insatisfação com a saúde que não cura
da justiça sem moral que julga sem punição

a pedagogia da indignação
tem uma didática magna que
não aceita mais a violência cotidiana
que nos deixa vítimas da falta de estado

a pedagogia da indignação
mostra que as manifestações das ruas são pra mostrar
que vivemos um estado de
exclusão do povo no governo
onde as políticas públicas são apenas para enganar
as minorias confidentes e subservientes

a pedagogia da indignação
revela que as manifestações das ruas são pra mostrar
a forma com que a classe proprietária-governante
trata os serviços e as obras públicas
com licitações comandadas por empresários
e funcionários públicos escalados em comissões de licitação
herméticas
arrogantes e
viciadas

a pedagogia da indignação
revela que as manifestações das ruas são pra mostrar
que a copa de 2014 patrocinada com recursos públicos
nos mostra que é possível ter
educação e saúde do estado mínimo com o padrão fifa das
grandes arenas de futebol

a pedagogia da indignação
mostra que o movimento pedagógico
da revolução dos 20 centavos
é uma forma de deboche da brava gente brasileira
que não aceita a fifa
como agência de negócios privados
com aporte de recursos
dos impostos do povo brasileiro

acalentado

quero que saibas

como criança tinha o desejo de pintar
a lua de verde só para você

imaginava que a borboleta azul que encontramos na
floresta era o símbolo do nosso amor

esses símbolos me levaram a criar
fantasias e desejos mitológicos
que alimentava com fé e esperança

porque aprendi que quem experimentou a esperança
jamais se esquece dos sonhos utópicos

a lua que vimos na sexta-feira entre os galhos da árvore
não consigo mais tocar ela se foi pela manhã

mas o corpo retorcido da lenha da árvore
não me leva mais a ti

lua borboleta e casulo
aromas cheiros e afagos
levavam-me em direção às tuas ilhas

alimentei-me de esperança
acreditando que teria pelo menos uma chance
mas me foi negado o direito à esperança

com a esperança adormecida
não quero mais pintar a lua verde
e a borboleta azul virou metáfora

pouco a pouco os meus sonhos serão diluídos
porque nada dura para sempre

se de repente não me esqueceres
não me procure mais
porque fui um rio que passou em sua vida

se considerar
violento e
louco o que passa em meu coração

compreenda que são sintomas
das marcas que deixaste no meu coração

lembra-te
que neste dia
no momento em que a lua recolhia-se
estava ainda na cama sofrendo as dores de um
sonho acalentado

partida

hoje recebi um telefonema
anunciando a triste partida de manóel de barros
aos noventa e sete anos de idade

com ele aprendi
que é mais fácil fazer da tolice um regalo
do que da sensatez
que há muitas maneiras sérias de não dizer nada
mas só a poesia é verdadeira
que podemos usar as palavras
para compor nossos silêncios

manóel tinha no rosto
um sonho de ave extraviada
falava em língua de ave e de criança
sentia mais prazer de brincar com as palavras
do que de pensar com elas
dispensava pensar
adorava as coisas inúteis

para ele fomos originados das árvores
vivia floreando
gostava de fazer floreios com as palavras
e não ideias
para ele as palavras tinham que chegar
ao grau de brinquedos
e para sermos sérios
tínhamos que sorrir

um dia me contou
que rã saltara sobre uma frase sua
mas a frase não arriou
porque não tinha palavra podre nela

para ele as frases são letras sonhadas
não tinham peso
nem consistência de corda
para aguentar uma rã em cima delas

manoel era assim
possui uma língua de raiz
era a língua de faz de conta
gostava de brincar com as palavras

para mim vai ser eternamente o menino
que tinha no rosto
um sonho de ave extraviada
uma alma infantil de criança
que jogava pedrinhas no bom senso

manuelito não morreu
se internou na própria casca
do mesmo jeito
que um jabuti se interna

e que ninguém o procure nas enciclopédias
nem nos livros de lógica
manoeel agora mora nas cascas de árvores
nas pedras que falam baixo
no voo torto de uma andorinha distraída

continua empilhando inutilidades
coleccionando silêncios de formigas
e plantando palavras como quem planta girassóis

porque poesia não morre
apenas muda de galho

ilusões

meu saco de ilusões anda cheio
das ilusões perdidas
não há alívio

os desejos inquietos não passam
vivo a doida aventura da espera
coisas do coração

as minhas utopias
não são coisas inatingíveis
para não querê-las

os caminhos são
tristes e alegres
a experiência não serve a gente

no meu saco de ilusões
o milagre não dá vida ao corpo
não muda água pura em vinho

mas acredito em milagre

apocalipse

o agente covid-19
varre o planeta terra
tosse
febre
coriza
dor de garganta
dificuldade de respiração

humanoides
vivendo encurralados
refugiados
nos próprios territórios

o mundo não pode parar
mas parou
quarentena
isolamento resiliente

antes eram
indígenas
quilombolas
povos amazônicos
ameaçados de rupturas

involuntários
da pátria
com corpos retornando
ao estado original

tragédias
corpos incinerados
da humanidade perdida
povos do mundo desnaturalizados

no brasil
bolsominions
exército da necropolítica
propagadores da morte

fenômeno que foge à regra
política da desrazão humana
mentalidade doentia

arco-íris de penas

no dia 19 de abril
eu vi um arco-íris de penas
voando sobre a floresta
e cantando uma canção ancestral

eu senti o cheiro da terra
misturado com o fogo sagrado
e o perfume das flores silvestres
clamando por demarcação

eu ouvi o som dos tambores
batendo no ritmo do coração
e ecoando pelas montanhas
pedindo melhorias para a casai

eu provei o sabor da vida
compartilhado com os parentes
e nutrido pela sabedoria ancestral

eu toquei a pele do sol
aquecendo a minha alma
e iluminando o meu caminho

eu encontrei uma onça pintada
que me levou para o seu reino
onde as árvores falavam línguas

eu dancei com uma serpente emplumada
que me ensinou os seus segredos
onde os astros traçavam runas

eu bebi da fonte sagrada
que me mostrou os meus ancestrais
onde os espíritos eram guardiões

eu renasci em uma nova alvorada
que me deu força e paz
onde os povos eram todos parentes

digital

educação a distância na unir
é um sonho lúcido que se realiza na tela
onde o saber é fluido
e a mente é uma janela

são uma viagem fantástica
que nos leva a lugares diversos
onde a cultura é elástica
e os saberes são diversos

são uma aventura ousada
que desafia os limites
e nos faz ver a estrada
que nos conduz aos algoritmos

educação a distância na unir
é uma arte de criar
que nos faz descobrir
novas formas de aprender e pensar

são uma floresta digital
que se estende pelo ar
onde o conhecimento é vital
e a vida é um pulsar

são um rio de imagens
que nos leva a navegar
onde as cores são linguagens
e os sons são algoritmos

são uma ponte de luz
que nos conecta com o outro
onde o amor nos conduz
e o respeito é o nosso escudo

educação a distância na unir no contexto amazônico
são uma expressão de beleza
que nos faz valorizar
a diversidade e a riqueza
da nossa região singular

velho

na vida tive uma centena de mestres
alguns me ensinaram valores importantes
que guardo do lado esquerdo do peito
mas me abandonaram sem se despedir

outros me ensinaram que a vida é bela
mas há muitas pedras no caminho
isso me faz recordar o meu pai
pensar no filho que fui
para imaginar o pai que devo ser

meu pai foi-se embora
sem despedidas
sinto saudades

mas deixou o legado
que a paciência é a arte de acreditar
que os momentos vividos
foram de aprendizado

amazônica

entre sonhos e realidades
paquero esse lindo corpo de mulher amazônica
que o brilho do meu olhar desnuda

a estética da tua beleza feminina
transfigura todo o meu ser
nos recônditos de mim
o teu corpo me falta

esse teu jeito de mulher amazônica
deixa os meus desejos transfigurados
fico com boca ávida e sedenta

a tua essência me falta
para mapatar esses desejos
que alucinam a minha alma

oro com a fúria dos desejos acalentados
que testemunham a musa inspiradora

Quem sou eu

sou um andarilho das palavras
navegante de rios invisíveis
que deságuam entre a ciência e a poesia
nasci com os pés na terra vermelha
os olhos cheios de mato
e o peito aberto para os silêncios do mundo

sou educador por profissão
poeta por destino

transformo a sala de aula em território de encantamento
e cada verso em sala aberta para o voo das ideias

faço da biologia um campo de metáforas
e das árvores minhas professoras
aprendi com o Pantanal
que o tempo tem ciclos
que a vida se repete mas nunca igual
e que até o silêncio carrega sementes de cor

entre alunos e pássaros
entre rios e cadernos
vou recolhendo pedaços de mundo
costurando-os com a linha tênue
que separa o saber do sentir

converso com as folhas
ouço conselhos das araras
e ainda guardo no bolso
um punhado de infância
misturado com a coragem dos que não têm medo de desaprender

meus poemas nascem de um solo fértil
onde a ciência encontra a poesia
e a vida
em cada linha
desabrocha